

MERCADO DE PRODUTOS

1 - ALGODÃO

O produto teve um período de safra caracterizado por uma conjuntura pessimista. As previsões de safras mundiais do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) mostraram um crescimento relativo dos estoques frente ao consumo, de 42,3% para 46,5%, pois a redução da produção de 13,0% foi absorvida por uma maior queda nas previsões de consumo dessa fibra natural. Desse modo, as cotações do algodão em pluma na bolsa de Nova York, para entrega em julho, mantiveram-se nos baixos níveis de US\$62 cents por libra peso para o tipo 6.

No Brasil, as previsões de safras foram reduzidas de 503,9 mil toneladas, em levantamento feito pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) em fevereiro, e certamente não se concretizarão. A produção, segundo as expectativas dos agentes de mercado, com as quebras do Centro-Sul e do Nordeste, deverá atingir cerca de 400 mil toneladas de algodão em pluma o que, para um consumo de 750 mil toneladas, representará uma necessidade de importação de 350 mil toneladas, agravando a dependência externa em termos de matéria-prima e caracterizando de forma patente a inversão do papel brasileiro nesse mercado, passando de exportador para importador.

Os preços praticados na safra contribuíram ainda mais para que as expectativas permaneçam pessimistas. Embora substancialmente menores do que a safra anterior, quando a pluma foi vendida a US\$48 cents por libra peso, os US\$68 cents por libra peso desta safra não revigoraram os ânimos dos cotonicultores. Em nível do produtor, os preços situaram-se em torno de US\$5,10 a US\$5,60 por arroba, para um custo operacional corrigido de US\$4,92, o que não renumera adequadamente os fatores de produção, principalmente para plantadores que auferiram produtividades inferiores a 1.400 kg/ha. A política de preços mínimos praticada pelo Governo Federal foi absolutamente inócua, pois os valores foram fixados em níveis muito baixos e em nenhum momento as cotações do mercado, mesmo

reduzidas, foram iguais ou menores que o preço governamental.

Em abril, as cotações internas do algodão em pluma foram crescentes, de US\$21,27 para US\$23,67 por arroba, mas esse aumento não se refletiu em acréscimo nos preços recebidos pelos agricultores, fundamentalmente porque a margem do maquinista aumentou de 18,2% para 38,1% no mês, o que mostra que esse agente atuou de forma especulativa, beneficiando-se da conjuntura. Por outro lado, as importações têm se processado na base de US\$68 cents por libra peso para o tipo 5, com um prazo de pagamento de 180 dias, enquanto que o produto nacional tem o mesmo valor para um tipo inferior (tipo 6), além de um prazo de apenas treze dias. Desse modo, a quebra de safra não se refletiu em aumentos dos preços e a receita bruta total deverá ser inferior a do anterior.

José Sidnei Gonçalves

2 - ARROZ

As estimativas de produção de arroz para a safra 1992/93 estão sendo revistas para baixo. Quebras de produção da ordem de 50% no Nordeste, de 30% em Goiás e de 15% em Minas Gerais devem reduzir a produção prevista de 10,6 milhões de toneladas para cerca de 10,0 milhões de toneladas, o que evidentemente implicará em maiores importações.

Em abril, em plena colheita, os preços do arroz agulhinha em casca estiveram inferiores ao preço mínimo, enquanto que os do amarelão, tanto em São Paulo quanto no Centro-Oeste, estiveram acima do mínimo oficial em função da esperada redução da oferta.

Neste ano, todo o superávit de arroz amarelão do Centro-Oeste está sendo destinado ao Nordeste, onde encontra preço melhor, sendo que os grandes centros consumidores do Sudeste estão sendo abastecidos apenas pelo arroz agulhinha, nacional ou importado do Uruguai e Argentina e também por algum produto asiático ou americano importado

meses atrás.

O preço médio mensal, em dólar, do arroz gaúcho acusou pequena queda entre março e abril. Neste mês, o preço médio de venda foi US\$7,60, para um custo de produção de US\$11,50, segundo a Federação de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (FEDEARROZ). Esse preço, contudo, deve ser o valor mínimo do ano, pois no início de maio reagiu para US\$8,00.

Esse aumento de preço decorreu de uma redução na oferta do produto orquestrada pela FEDEARROZ, cooperativas de produtores e beneficiadores. O movimento dos arrozeiros incluiu alguns dias de bloqueio das fronteiras gaúchas para impedir a entrada de produto importado, protestos em agências do Banco do Brasil contra a falta de uma política para o setor, especialmente no que diz respeito à dívida acumulada (da ordem de 1 bilhão de dólares), e a exigência de preços pelo menos iguais ao mínimo oficial para a realização de vendas. O sucesso do movimento foi relativo, pois o preço meta de US\$8,60 não foi conseguido devido à resistência dos compradores que dispunham de outras fontes do produto, inclusive o importado meses atrás.

Em nível de varejo, o preço médio verificado em São Paulo em abril (Cr\$12.897,00/kg) é praticamente o mesmo do mês anterior (Cr\$10.010,00/kg) corrigido pela inflação, medida pelo IGP, 28,21%.

No mercado atacadista de São Paulo, a evolução do preço médio mensal de março para abril também empatou com a inflação, a não ser no caso do agulhinha tipo 2 cujo preço evoluiu 33% em termos nominais.

Em maio, o preço médio nominal do arroz em casca recebido pelo produtor paulista foi de Cr\$289.352,00/saco na primeira semana para Cr\$304.400,00/saco na segunda, o que corresponde na verdade à manutenção do valor em dólar.

No atacado paulista, porém, na segunda semana de maio, o arroz agulhinha tipo 2 acusou aumento de preço em dólar de 8%, e o tipo 1 de quase 5% em relação à semana anterior, em função do controle da oferta praticado pelo conjunto de produtores e beneficiadores gaúchos. Esses aumentos recompõem os preços praticados na segunda semana de abril.

Comparados com os preços em dólar praticados na segunda semana de maio de 1992, tanto o

preço ao produtor paulista quanto o do agulhinha tipo 2 no atacado apresentam evolução significativa de 11,5% e 45,0% respectivamente.

Sonia Santana Martins

3 - BATATA

A crise de excesso de produção em 1992 causou sérios prejuízos aos bataticultores e desorganizou o processo produtivo, alterando a época de colheita da safra das águas que terminou em março e a da seca que iniciou com atraso em abril de 1993. Além disso, houve diminuição do plantio da seca.

Dessa forma, em abril, o mercado apresentou-se aquecido, porque a maior demanda na Semana Santa e o descompasso de oferta mantiveram os preços altos. Na segunda semana de maio, os preços estão se reajustando devido à maior entrada de batata das regiões de Ibiúna, Itapetininga e Tatuí (em São Paulo) e do Paraná. Aumentou a oferta de batata lisa com produto de boa qualidade. Os preços no final de junho deverão se reduzir ainda mais.

Waldemar Pires de Camargo Filho

4 - FEIJÃO

Em abril, a comercialização de feijão voltou a ser amplamente vantajosa para o produtor paulista, uma vez que a produção da Região Nordeste, principal fornecedora para o Estado de São Paulo, foi bastante prejudicada por prolongado período de estiagem, invertendo, assim, a situação ocorrida no ano passado quando o excesso de oferta de feijão daquela região deprimiu os preços pagos aos produtores, em nível inferior ao preço mínimo de garantia do Governo Federal.

O produtor paulista recebeu, em média, Cr\$1.270.000,00/sc. 60 kg de feijão carioquinha em abril, enquanto que, no mesmo mês do ano passado, o preço médio recebido foi de apenas Cr\$751.930,00 (valor corrigido pelo IGP-DI). Em abril de 1991, quando os produtores seguraram a produção aguardando a extinção do tabelamento de feijão no varejo, o preço médio real foi de

Cr\$1.500.530,00/sc. 60 kg.

Apesar das evidências de que o nível de oferta de feijão afeta direta e inversamente o nível de preços, o Governo Federal resolveu desestimular a produção de feijão, reduzindo, pela segunda vez consecutiva, em 10% o valor do preço mínimo de garantia. O valor determinado para abril, 2ª safra 1992/93, é de Cr\$558.033,60/sc. 60 kg cores e/ou preto, enquanto a produção da 1ª safra Norte/Nordeste estava garantida em Cr\$620.037,60/sc.

A política agrícola para a safra da seca 1992/93 entrou em vigor em janeiro, porém só foi divulgada em 8 de março, trazendo novos indícios de desestímulo de ampliação de área e/ou produção de feijão. O Valor Básico de Custeio (VBC) voltou a sofrer limites de financiamento, ficando restrito a 80% do VBC para mini/pequeno produtor e cooperativas do grupo I e a 60% para os demais interessados.

O Instituto de Economia Agrícola (IEA) estimou, em janeiro de 1993, o Custo Operacional Efetivo para a cultura do feijão da seca (produtividade de 1.320 kg/ha), em 2.033,035 UREF (Unidade de Referência Rural e Agroindustrial equivalente a Cr\$2.952,82) por hectare, enquanto que o VBC para a cultura de feijão na faixa de produtividade acima de 1.000 kg/ha foi definido em 1.133,904 UREF, o que corresponde a apenas 55,8% do Custo Operacional Efetivo estimado pelo IEA. Considerando a restrição limitante de 60% do VBC, o produtor de feijão tem acesso a apenas 33,5% do Custo Operacional Efetivo em crédito oficial de custeio.

Em pleno período de colheita, o consumidor arcou com um reajuste de 73,7% no preço médio de 1 kg de feijão carioca em pacote (pagou Cr\$33.580,00/kg em abril contra Cr\$10.330,00 no mês anterior), ou seja, 35,5% acima do valor corrigido pela inflação (IGP). O principal fator responsável por essa elevação foi o suprimento bem abaixo do esperado, uma vez que o ciclo de produção da safra da seca foi atrasado pelo excesso de chuvas no período de plantio. O elevado custo de transporte das distantes regiões produtoras (Bahia e Espírito Santo, por exemplo) para as regiões consumidoras (São Paulo e Rio de Janeiro) também respondem por esse reflexo negativo.

As perspectivas para maio são de mercado firme, o que afasta a possibilidade de queda de

preços. As fontes de suprimento serão as mesmas verificadas em abril, além do Rio Grande do Sul e até mesmo importações de países como Chile e Bolívia.

O preço médio recebido pelo produtor, na semana de 10 a 14 de maio, foi de US\$46,60/sc. 60 kg de feijão carioca, indicando mercado firme. Entretanto, a oferta está aumentando, o que poderá conduzir a um mercado mais calmo, porém sem tendência de queda real de preço, uma vez que a comercialização de feijão vendido a prazo já está sendo cotada em dólar.

Há um ano, no mesmo período analisado, o produtor paulista recebeu em média US\$24,30/sc. 60 kg devido à superprodução da safra das águas na Bahia disponível no mercado em março, abril e maio.

Luiz Carlos Miranda

5 - MANDIOCA

A produção nacional de mandioca, safra 1992/93, de acordo com o levantamento de março da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), está situada em 23,2 milhões de toneladas com acréscimo de 8% relativamente aos resultados da safra 1991/92 e decorre, basicamente, dos elevados preços recebidos pelos produtores naquele período, quando chegaram a superar o preço mínimo em até 114%. Em São Paulo, em 1991/92, o preço médio ponderado acusou variação de 80% em relação a 1990/91, em termos reais. Contudo, esse incremento deve ser visto com cautela, pois em 1990/91 os preços apresentaram-se em patamares muito baixos.

De acordo com o mesmo levantamento, nos Estados do Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo, unidades da Federação onde o caráter comercial da cultura é mais evidenciado, responsáveis pelo abastecimento dos principais mercados do País e pela formação dos preços da farinha de mandioca, verifica-se uma expansão de 19% na produção conjunta.

Os efeitos desse crescimento da produção já estão se refletindo nos preços do mercado. Em abril, início da safra, os preços médios recebidos pelos produtores paulistas acusavam uma queda real de 4,0%, relativamente ao mês anterior e o preço de

mercado foi apenas 36% superior ao mínimo.

O levantamento do IBGE estima, para a Região Nordeste do País, uma produção de 10,2 milhões de toneladas, praticamente o mesmo nível observado em 1991/92. Contudo, esse levantamento não está captando os efeitos do prolongado período de estiagem que vem assolando a região e, portanto, a produção deverá ser bem menor. Enquanto o preço da raiz, na segunda semana de maio, está em torno de Cr\$1.200.000,00/tonelada nos Estados do Paraná e São Paulo, para prazo de pagamento de dez a trinta dias, na Bahia e em Pernambuco, segundo analistas do setor, o produtor está recebendo em torno de Cr\$2.500.000,00. Essa relação de preços, que favorece largamente os aumentos do fluxo de farinha para a Região Nordeste, poderia reverter o processo de queda dos preços. Entretanto, está ocorrendo exatamente o contrário, pois os comerciantes nordestinos, que vinham adquirindo farinha desde o início do ano, estão reduzindo o volume de compras, em função dos baixos níveis de renda na região. As perdas das lavouras decorrentes da seca, agravando o desemprego e os salários achatados das populações urbanas, estão reduzindo drasticamente o consumo.

A perspectiva para a comercialização da atual safra é de que a partir de junho, quando as fábricas deverão intensificar as atividades, aumente a demanda pelos Empréstimos do Governo Federal (EGFs). Segundo informação do Banco do Brasil, não deverá haver problemas de disponibilidade de recursos para essa finalidade.

Dessa forma, os EGFs e o déficit de suprimento da região nordestina, que precisa ser coberto apesar das dificuldades de renda dos consumidores regionais, são fatores que deverão reduzir a queda dos preços ao longo do período de comercialização.

Na segunda semana de maio, os preços médios da farinha levantados pelo IEA no mercado atacadista de São Paulo acusaram o mesmo comportamento de queda já observado na semana anterior, notadamente para a do tipo crua fina, que é a mais comum nas principais regiões produtoras. O preço da farinha crua grossa, considerada mais nobre e cuja participação no mercado é menor, apresentou pequeno aumento.

José Roberto da Silva

6 - MILHO

A colheita de milho em todo o Centro-Sul do País, até fins de abril, foi efetivada em cerca de 70% a 75% da área plantada, neste ano mais adiantada que nas últimas duas safras. As chuvas, em agosto-setembro de 1992, favoreceram o plantio nas épocas mais recomendadas, o que permitiu a antecipação da colheita de parte da área plantada. As previsões anteriores de queda de produtividade em algumas regiões de São Paulo, em razão da estiagem em fins de dezembro e início de janeiro, não estão se confirmando. Ao contrário, prevê-se aumento da produtividade da cultura em relação ao ano passado, em praticamente todas as regiões do Estado.

O plantio do milho "safrinha" (ou segunda safra) estendeu-se de meados de fevereiro (na região mais próxima do Triângulo Mineiro) a fins de abril (na região do Vale do Paranapanema) e vem se desenvolvendo normalmente face às condições favoráveis do clima. Em São Paulo, prevê-se aumento da área em percentual superior aos 5,1% constatados no levantamento de previsão de safra em fevereiro de 1993. Na recém-criada Divisão Regional Agrícola do Vale do Paranapanema, com sede em Assis, a área da "safrinha" (80.500 hectares) deverá superar a da safra principal (73.100 hectares). Trata-se de região onde a "safrinha" de milho vem substituindo, nos últimos quatro a cinco anos, a cultura do trigo, diante do desestímulo que vem sofrendo.

O mercado paulista se mostrou firme em abril, revertendo tendência de queda real verificada desde dezembro de 1992, devido à redução temporária da oferta do cereal pelo produtor, mais preocupado com a comercialização da safra de soja, em plena colheita nesse mês. Outro fator responsável pela firmeza do mercado em São Paulo é a pressão da demanda de compradores sobre a produção paulista, deficitária em relação às necessidades do consumo estadual, mas de custo de aquisição menor em relação ao produto de outras regiões. O preço médio recebido pelos produtores paulistas foi de Cr\$180.000,00 por saca em abril, com alta de 34,3% em um mês, portanto, acima dos 28,2% de aumento da inflação no mesmo período. O preço mínimo de garantia em abril foi de Cr\$156.956,40 por 60 kg, válido para todo o Centro-Sul e a região

Bahia-Sul.

Alfredo Tsunechiro

7 - SOJA

A previsão de safra do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), de 12/04/93, não alterou significativamente os números de março dos estoques de grão, farelo e óleo de soja, ao final da atual temporada 1992/93, o que resultou em pressão baixista nos preços em Chicago para o curto prazo. Os estoques americanos e mundiais foram assim avaliados para o grão, farelo e óleo de soja em, respectivamente, 9,25 e 20,33 milhões de toneladas; 0,30 e 3,21 milhões de toneladas e 0,74 e 1,87 milhão de toneladas o terceiro.

O mercado esperava uma queda de cerca de 400 mil toneladas no estoque de soja em grão dos Estados Unidos, dado que as exportações, de acordo com os *traders*, estão subestimadas pelo USDA. Por outro lado, o estoque de óleo deveria ter apresentado um pequeno aumento, devido à queda das exportações do produto.

O quadro de oferta e demanda nos Estados Unidos e a evolução da colheita sul-americana são os fatores que têm pressionado os preços do grão no curto prazo no mercado internacional, que só não caíram mais, abaixo do patamar de US\$5,95/bushel, devido à atuação dos fundos de *commodities*, que têm se mostrado bastante especulativos.

O comportamento desses fundos, que podem apresentar bruscos movimentos de venda a curto prazo, a perspectiva de boa evolução climática no oeste americano, o efetivo nível de plantio da soja nos Estados Unidos - há a expectativa de uma troca maior que a prevista inicialmente das áreas de milho por soja - são os fatores que podem determinar novos rumos baixistas para o mercado. Entretanto, a demanda pode surpreender, pois seu desempenho está atrelado sobretudo decisões de cunho político, caso dos créditos e financiamentos para a Rússia e outros países ex-socialistas, das negociações do GATT, ainda sem definição. Além disso, a quebra de safra de outras oleaginosas (algodão, colza, palma) deverá resultar em maior procura pelos produtos do complexo a médio e longo prazos, o que deverá contribuir

para dar suporte aos preços do grão.

Internamente, a colheita brasileira prossegue praticamente normal, atingindo cerca de 70% da área de plantio. A produção brasileira está agora estimada em 22,19 milhões de toneladas, 15,9% maior que a obtida em 1991/92. Desse total, cerca de 50% já foram comercializadas. Entretanto, as vendas estão mais lentas em abril relativamente ao ano passado, já que os produtores estão mais capitalizados, o que, por sua vez, ajuda a explicar o fato de os preços internos estarem maiores que os externos.

Em vista da maior pressão de venda esperada para meados de maio, dado o vencimento das dívidas de custeio, da aceleração dos trabalhos de colheita, da falta de perspectiva altista dos preços em Chicago, sugere-se que os produtores vendam apenas parte de sua produção no curto prazo, deixando o restante para vendas parceladas, visando aproveitar picos favoráveis de preços no futuro. O segundo semestre poderá ter desempenho de preços diverso daquele verificado no ano passado, quando os mesmos apresentaram-se em alta. A demanda internacional é uma incógnita, da qual não se deve depender de forma acentuada.

Em abril de 1993, o preço médio recebido pelo produtor paulista foi de Cr\$255.394,50/sc. de 60 kg, 12,8% superior ao de março próximo passado, perdendo da inflação que atingiu cerca de 28,2%. Em relação a seis meses e um ano atrás, o preço praticado em abril de 1993 ficou -26,28% e 16,63% abaixo da inflação, respectivamente.

Marina Brasil Rocha

8 - TOMATE ENVARADO

O excesso de chuvas e doenças prejudicou a produção e antecipou o término de safra nas regiões de Apiaí e Guapiara, cujas colheitas poderiam prosseguir até maio. Além disso, o volume de fornecimento do produto da região de Campinas, em reinício de safra, não ocorreu na intensidade esperada. Em abril verificou-se, portanto, diminuição em torno de 18% na quantidade comercializada de tomate de mesa na CEAGESP (total entrado de 840 mil caixas de 25 kg), comparativamente a de março. O preço médio estimado em Cr\$318.648,00/cx. de 25 kg foi 65%

superior ao de março, em termos reais.

A participação de tomate de boa qualidade no mercado atacadista de São Paulo foi de 50%, de média qualidade de 30% e de fraca qualidade de 20%. As despesas de comercialização, tais como de embalagem, estiveram em torno de Cr\$20.000,00/cx. e a de frete em Cr\$10.000,00/cx. Como o custo de produção foi estimado em Cr\$118.000,00/cx., conclui-se que os produtores obtiveram bons resultados.

Em maio, escasseando os frutos relativos aos primeiros cortes da lavoura correspondente ao primeiro plantio e, conseqüentemente, caindo em 20% a participação de frutos de boa qualidade no mercado, os preços tenderão a aumentar.

Lídia Hathue Ueno

9 - TRIGO

A produção mundial de trigo para 1993/94 está projetada pelo USDA em 548,8 milhões de toneladas, portanto cerca de 2,0% inferior a estimada para a safra precedente.

Entretanto, face à projeção de ligeiro aumento do consumo, os estoques finais deverão se reduzir em 4%, situando-se em 128,7 milhões de toneladas. Por outro lado, os estoques dos Estados Unidos, principal exportador, deverão aumentar em 29%, em função de uma previsão de redução do consumo, nesse País, de 17%. Dessa forma, a tendência no momento é de queda das cotações internacionais do produto durante o próximo ano comercial.

As exportações argentinas de trigo, a partir de novembro do ano passado, estão isentas das taxas de Retenções (15%), INTA (1,5%) e de Estatística (3%) e foi criado o Reembolso de 2,5% para o grão e 5% para a farinha de trigo como forma de estímulo à exportação.

Esse quadro de perspectiva de queda do preço do trigo no mercado internacional e a maior competitividade do produto argentino, após a extinção das taxas, tornam mais grave a situação da triticultura brasileira.

No Brasil, nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina ainda não houve nenhuma

definição quanto às áreas de plantio de trigo, uma vez que será efetuado mais tarde. De acordo com a CEPA-SC, as sondagens indicam pouco estímulo do plantio e redução do nível tecnológico.

No Estado de São Paulo, segundo dados fornecidos pelas Cooperativas e estimativas realizadas em função dos estoques de semente e quantidade de semente vendida até o início de maio, espera-se que a área cultivada com trigo em 1993 seja 75% da plantada em 1992, ocupando entre 35 a 40 mil hectares.

Considerando-se a produtividade média obtida em 1992, a produção no Estado de São Paulo, em 1993, deverá se situar em torno de 57.750 toneladas. É importante ressaltar que muitos produtores estão buscando diminuir os custos de produção, baixando o nível tecnológico da cultura, de modo que a produtividade poderá ficar comprometida e o custo por unidade produzida até aumentar.

O preço do trigo Argentino FOB-Baía Blanca é de US\$131,00 e chega em São Paulo entre US\$170,00 e 173,00/t com pagamento para 30/45 dias, enquanto que o trigo nacional CIF-São Paulo fica entre US\$200,00 e 203,00/t para pagamento em 15 dias.

Está claro que a queda na área plantada de trigo deu-se devido às dificuldades de comercialização do trigo colhido na safra de 1992 e da perspectiva desse quadro se repetir na safra de 1993. Convém ressaltar que, até 30 de abril de 1993, haviam 1.300 mil toneladas de trigo em EGF. Com a falta de uma política agrícola que permita vislumbrar melhores condições para a comercialização do trigo, os agricultores optaram pela "safrinha" de milho. Só no Vale do Paranapanema, área tritícola de São Paulo, a DIRA de Assis prevê uma área de 80 mil hectares de milho safrinha plantada este ano.

Ana Victória V. M. Monteiro

10 - BOVINOCULTURA DE CORTE

No decorrer de abril de 1993, as cotações no mercado de bovinos de corte mantiveram-se relativamente altas para o período de safra.

As cotações para o boi gordo ficaram em torno da média de US\$22,06/@ com prazo de 20 dias

para pagamento, valor que, apesar de ser 2,1% abaixo da cotação de março, está 17,3% acima da quele registrado em abril de 1992.

Atribui-se este fato à retenção de animais, ante a insegurança dos criadores quanto à economia do País e aos efeitos que poderiam advir com as medidas econômicas anunciadas pelo Governo em 24/04/93. Além disso, as relações de troca entre boi gordo e boi magro de 1,4 e entre boi gordo e bezerro de 2,1 não estimulam o pecuarista a comercializar seus animais, preferindo mantê-los na forma de ativo real.

A permanência desse nível de preço para o boi gordo depende também das condições de pastagens que, nos dois últimos anos, graças ao inverno ameno, deram suporte a manutenção dos animais. O fator climático, entretanto, poderá exercer uma grande pressão para a concentração de vendas em maio e junho de 1993, o que tenderia a segurar as cotações tanto do boi gordo como dos animais de reposição.

Quanto ao mercado externo, o Brasil pode se beneficiar da queda na produção dos EUA, porém os argentinos estão com seus preços ao redor de US\$19,93, mais competitivos que os dos brasileiros.

As exportações de carne industrializada brasileira para os EUA estiveram suspensas durante alguns dias, em decorrência do receio do governo americano de que o Brasil não efetuasse as análises exigidas para a detecção de resíduos. É a segunda suspensão nos dois últimos anos, o que dá a entender que os padrões de qualidade tendem a um maior rigor daqui para frente.

Da mesma forma, a Comunidade Econômica Européia (CEE) praticamente suspendeu a importação de miúdos de gado bovino brasileiro em função da febre aftosa.

O mercado internacional tem elevado o nível de exigências para adquirir produtos alimentícios, com destaque para a carne bovina, pois os consumidores dos países do primeiro mundo, notadamente dos Estados Unidos, Japão e os da Comunidade Européia, estão com preocupações crescentes com relação a resíduos tóxicos, o que vem a se constituir em barreira à entrada de produtos brasileiros.

Carlos Roberto Ferreira Bueno